



RELATO DE EXPERIÊNCIA - A PARCERIA ESCOLA-UNIVERSIDADE NO PROTAGONISMO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Álvaro Antonio Caretta

Universidade Federal de São Paulo

Simone Nacaguma

Universidade Federal de São Paulo

Resumo

O presente relato tem como objetivo descrever o início dos estágios supervisionados em língua portuguesa e suas literaturas no curso de Letras da UNIFESP, campus Guarulhos, a partir da relevância do estabelecimento da parceria escola-universidade. Busca, ainda, tecer algumas reflexões acerca do olhar da universidade sobre as escolas públicas de Educação Básica e apresentar, assim, as diretrizes dos trabalhos realizados pela Licenciatura em Letras da UNIFESP

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Parceria Escola-Universidade; Leituras.

**EXPERIENCE REPORT - A PARTNERSHIP IN
UNIVERSITY SCHOOL OF TEACHER TRAINING
PROTAGONISM**

Abstract

The objective of the present report is to describe the beginning of the supervised internships in Portuguese language and its Literatures in the UNIFESP, based on the relevance of the establishment of the school-university partnership. It also aims to reflect on the university view of the elementary public schools and the supervised internships in Portuguese language and its Literatures in UNIFESP.

Keywords: Supervised Internship; School-University Partnership; Literacy.

O início do Estágio Supervisionado da Licenciatura em Letras na UNIFESP

O I Encontro Escola-Universidade

Visando à preparação da fase inicial do estágio supervisionado dos licenciandos em Letras da UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, a Comissão de Licenciatura do curso de Letras promoveu o *I Encontro Escola-Universidade*, ocorrido em dezembro de 2011. Esse encontro teve como objetivo maior aproximar a universidade das escolas públicas de Guarulhos, uma vez que o Projeto Pedagógico da Licenciatura em Letras da UNIFESP prevê que a implementação dos estágios supervisionados deve estar diretamente vinculada à parceria universidade-escolas públicas de Educação Básica, compartilhando com os seus professores a formação docente dos estagiários.

A Comissão entrou em contato com várias escolas da região, fazendo-lhes o convite para o encontro. Diretores, coordenadores e professores de dez escolas compareceram ao evento. E, por meio das diversas vozes que representavam a Comissão de Licenciatura do curso de Letras da UNIFESP, ressaltaram-se aos convidados alguns dos elementos norteadores do projeto de formação docente de seus licenciandos: a necessidade de se buscar outras formas/estratégias de ensino-aprendizagem de língua e literatura não mais calcadas exclusivamente no conhecimento sistêmico, mas que valorizassem o conhecimento de mundo do aluno; a necessidade de se enfatizar o trabalho com a língua portuguesa no seu aspecto discursivo com o propósito de intervir na realidade; a elaboração de projetos que representassem uma articulação entre teoria e prática, reunindo diversas formas de expressão artística – teatro, música, literatura, artes plásticas etc.; a necessidade urgente de a universidade sair de sua posição encapsulada para interagir com a realidade circundante; a necessidade de se ter em conta que a evasão de alunos dos cursos de Letras é uma realidade preocupante, mesmo

nas universidades públicas; a necessidade de a universidade criar laços estreitos de parcerias com as escolas públicas de Educação Básica a fim de buscar novo rumo para a Educação.

Em janeiro de 2012, os professores supervisores do estágio da Licenciatura em Letras, Simone Nacaguma e Álvaro Caretta, representando a Comissão de Licenciatura, participaram de reunião com o professor Sebastião Haroldo de Freitas Corrêa Porto, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo; ocasião em que foi apresentado aos professores supervisores o Programa Residência Educacional, que consiste, segundo Porto, em uma iniciativa do Governo de Estado de São Paulo de incentivo à docência e ao fortalecimento das licenciaturas. Além disso, o Programa representaria uma ação direta no auxílio à recuperação das escolas prioritárias do Estado de São Paulo, aquelas em que o percentual de alunos no nível de proficiência está “abaixo do básico” em língua portuguesa e em matemática. De acordo com a explanação do professor Sebastião Porto, a concepção do Programa Residência Educacional estaria muito próxima do PIBID/Capes (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Desde então, foi mantido contato com a Coordenadoria de Gestão da Educação Básica, responsável pela implantação da Residência Educacional, a fim de acompanhar o processo.

O estabelecimento das parcerias UNIFESP/escolas públicas e o início dos estágios supervisionados

As primeiras ações da Comissão de Licenciatura do curso de Letras e o planejamento do início dos contatos com as escolas levaram muito em conta os relatos de professores, diretores e coordenadores das escolas públicas de Guarulhos que atenderam ao convite do curso de Letras e compareceram ao I Encontro Escola-Universidade. Além do objetivo de apresentar a eles o Projeto Pedagógico do curso, o encontro objetivava oferecer-lhes espaço e voz, a fim de

conhecer não somente suas demandas e necessidades, mas também seus projetos e as especificidades de cada realidade escolar.

Eles relataram suas experiências com estagiários de outras instituições de ensino superior, bem como as suas próprias experiências como estagiários. Das experiências negativas, ressaltou-se a grande frustração em se constatar uma distância abismal entre a realidade escolar e aquela desenhada pelas teorias discutidas na universidade. Ressaltou-se, além disso, a frustração do estagiário ao chegar à escola e ser desencorajado pelos próprios professores a prosseguir na docência, em razão das inúmeras dificuldades, muitas das quais decorrentes da desvalorização da profissão, como bem se sabe. De outro lado, ressaltou-se também o mal-estar dos professores que, ao receberem os estagiários, acabam sendo tomados por eles apenas como objetos de avaliação e de críticas. Além disso, foi comum a reclamação de que os estagiários chegam às salas de aula sem uma intermediação das instituições envolvidas, isto é, as universidades e a direção da escola.

Das experiências positivas relatadas, destacou-se o contexto muito favorável quando o estagiário já conhece a escola e o professor que o recebe, bem como quando o professor se coloca receptivo a ouvir as propostas do estagiário e está atento às suas habilidades individuais.

A partir desse I Encontro, ficou bastante claro para a Comissão de Licenciatura que, por mais importante que seja pensar em atividades relevantes e produtivas que os estagiários possam desenvolver junto às escolas de educação básica, há uma questão anterior e fundamental: a configuração das *relações humanas* dos atores envolvidos nesse processo.

Posto isso, o passo seguinte da Comissão de Licenciatura foi visitar todas as escolas que compareceram ao I Encontro, a fim de conhecer sua localização, espaço físico, equipe de gestores e de professores. Foi consenso na Comissão que era imprescindível que a UNIFESP apresentasse os seus alunos-estagiários às escolas que os receberiam, bem como que houvesse um representante da escola que os recebesse e os introduzisse no ambiente escolar.

Uma vez escolhidas quatro escolas públicas com as quais o curso de Letras estabeleceria as primeiras parcerias para o início dos Estágios Supervisionados, os membros da Comissão de Licenciatura agendaram reuniões com diretores, coordenadores pedagógicos e professores de Língua Portuguesa, a fim de lhes apresentar de forma mais amigável o projeto pedagógico da Licenciatura em Letras da UNIFESP e conhecer melhor a realidade escolar. Os professores supervisores participaram também de várias Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPCs) para conversar com os professores, possíveis orientadores dos estagiários, e expor-lhes a proposta de parceria na formação docente, convidando-os a conhecer o campus Guarulhos e a oferta de disciplinas do curso de Letras, as quais eles poderiam cursar como alunos especiais, bem como a participar dos minicursos de extensão¹ que seriam oferecidos por docentes do Departamento de Letras e também por professores convidados de outras universidades.

Ressaltou-se aos professores e gestores dessas escolas que os professores supervisores do Estágio estariam receptivos às sugestões, bem como às críticas que, porventura, eles tivessem em relação à realização do estágio dos licenciandos, visto que a formação docente desses alunos dar-se-ia de forma mais rica e efetiva por meio de uma ação colaborativa entre a universidade e a escola em que ambas as instituições se assumissem como protagonistas da formação docente dos alunos-estagiários.

Simultaneamente a esse início de mapeamento das escolas parceiras, a Comissão de Licenciatura realizou cuidadosa pesquisa sobre os modelos de documentos para o estabelecimento formal das parcerias junto às Diretorias de Ensino de Guarulhos. Foi assinado, desse modo, o convênio com quatro escolas estaduais, situadas em um raio de cinco quilômetros do campus, três das quais consideradas *prioritárias* pelo Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de Estado de São Paulo (SARESP) 2010.

¹ Neste semestre foram oferecidos três minicursos de extensão: 1. A educação presente: reflexões sobre ensino de língua e literatura; 2. Uso de jogos na produção oral e escrita; 3. Avaliação de ensino-aprendizagem: desafios inclusivos.

Concomitante a esse trabalho, a Comissão entendeu a necessidade da elaboração de um Manual do Estágio, que orientasse os estagiários sobre as normas, os procedimentos e a documentação necessária para o cumprimento das horas de estágio. Além desse caráter objetivo e pragmático, o Manual orienta quanto à importância de o aluno conhecer o Projeto Pedagógico de seu curso, levando-o, assim, a tomar consciência de que os estágios supervisionados (em língua portuguesa, espanhola, francesa e inglesa) integram um projeto maior, que, por sua vez, tem como pressuposto a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no processo de ensino-aprendizagem e na formação docente. Essas orientações visam, desse modo, a conduzir o estagiário a atuar nas escolas de forma mais consciente, autônoma e ética, como bem esclarece este parágrafo do Manual de estágio:

O estágio supervisionado e as unidades curriculares a ele relacionadas constituem uma fase muito especial na formação acadêmica e profissional, que merece ser vivida de forma significativa. Tendo escolhido a carreira docente, é neste momento específico que nossas teorias e nossos ideais podem ser examinados mais atentamente e contrastados com o contexto real de trabalho, com suas potencialidades e limitações. Se quisermos identificar a contribuição que de fato podemos oferecer e assim desenvolver um trabalho colaborativo com as instituições de ensino com as quais interagiremos, é preciso não apenas estudar, investigar e refletir cuidadosamente sobre o contexto educacional a que estamos expostos, mas também adotar uma atitude ética, honesta e humilde, livre de qualquer preconceito, arrogância e crítica destrutiva. Somente desta forma cultivaremos um perfil profissional e acadêmico merecedor de respeito e de sucesso (UNIFESP, 2012, p.4).

A partir, também, da elaboração dos documentos individuais, como Carta de Apresentação, Termo de Compromisso e Ficha de horas e atividades, os professores supervisores do estágio agendaram com a direção e a coordenação pedagógica das quatro escolas as primeiras visitas dos estagiários, acompanhando-os e apresentando-os pessoalmente à equipe gestora das escolas, que os recebeu com muita cordialidade e entusiasmo no início dos trabalhos. Nessas primeiras visitas, a direção e a coordenação das escolas, a pedido dos professores supervisores, apresentaram não apenas o espaço físico

das mesmas, mas as suas normas, a sua rotina e as suas expectativas quanto à parceria e ao início dos estágios.

Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e suas Literaturas I: a observação da escola

A grade curricular da Licenciatura em Língua Portuguesa da UNIFESP prevê três semestres de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e suas Literaturas, os quais devem ser cursados conjuntamente às disciplinas de Fundamentos Teórico-Methodológicos em Língua Portuguesa e suas Literaturas (I, II e III).

Levando em conta os relatos do I Encontro Escola-Universidade e as experiências dos membros da Comissão de Licenciatura, foi consenso que ao Estágio Supervisionado I seriam dedicadas horas de observação, por meio das quais os estagiários pudessem conhecer a rotina das escolas, nos seus três períodos de funcionamento, as especificidades de seu público em cada um dos períodos, os funcionários, a equipe gestora, o corpo docente, o perfil da comunidade em que ela está inserida, a sua relação com essa comunidade etc., ou seja, nesse primeiro momento, eles realizariam uma ampla e profunda radiografia das escolas e de seu entorno, bem como estabeleceriam os primeiros contatos, ainda fora da sala de aula, com os alunos, professores, gestores e funcionários. Desse modo, poderiam elaborar de forma mais ampliada e melhor contextualizada uma ideia da dinâmica e das ações escolares cotidianas para, a partir disso, pensar em ações e intervenções que viessem realmente a colaborar para a melhoria da escola, como um todo.

“... a observação avalia, diagnostica a zona real do conhecimento para poder, significativamente, lançar (casando conteúdos da matéria com os conteúdos do sujeito, da realidade) os desafios da zona proximal do conhecimento a ser explorado” (FREIRE, 1999, p.11).

Nesse sentido, a orientação dada aos estagiários, nos primeiros encontros, antes do início da greve discente², foi para que eles tomassem consciência de que a presença deles certamente poderia alterar dinâmicas na comunidade escolar e que, por isso, todo e qualquer movimento deveria ser cauteloso: a importância de informarem a direção e/ou coordenação todas as vezes que chegassem às escolas, o cuidado com a forma de abordagem das pessoas no momento de entrevistas. Buscou-se conscientizá-los, sobretudo, de que nenhuma proposta-ação de nossa parte deveria ser impositiva, mas sempre negociada por meio do diálogo.

A observação da comunidade e do entorno da escola

Com o objetivo de preservar a identidade das escolas, elas serão referidas neste relato como A, B, C e D. Dessas quatro, apenas a D não é classificada como prioritária.

Na escola A, há apenas quinze salas de aula e são oferecidos, atualmente, o Fundamental I e o Fundamental II. Até 2010, havia Ensino Médio, mas deixou de ser oferecido por conta das aulas serem no período noturno, quando há muitos furtos, segundo a direção.

Uma biblioteca improvisada funcionava em um pequeno espaço, mas está inacessível desde 2009, pois, devido às pequenas proporções da sala, não é possível abrigar ao mesmo tempo todos os alunos de uma mesma turma; além disso, não há um funcionário para organizar o acervo e cuidar de sua disponibilização. Os estagiários ficaram surpresos com a qualidade desse acervo: rico e volumoso, livros novos e bem conservados; havia obras de literatura francesa, inglesa, americana, além de enciclopédias, materiais didáticos e boas revistas. Grande parte desse acervo é resultante do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), todavia os alunos não têm acesso às obras porque, como já mencionado, não há nenhum funcionário para desem-

² Em 27 de março de 2012, foi iniciada uma greve discente que perdurou até 23 de agosto de 2012.

penhar o papel de bibliotecário, os livros não estão catalogados e não há um sistema para fazer com que a biblioteca funcione e seja utilizada efetivamente.

O principal objetivo dos estagiários consistiu, pois, em reativar a biblioteca. Para isso, eles se organizaram em grupos e turnos de trabalho, iniciando pela organização do espaço físico, uma vez que parte do acervo encontrava-se ainda encaixotado e disperso junto a outros materiais de uso.

Com a autorização e apoio da coordenação e direção da escola, os estagiários catalogaram todo o acervo e organizaram as obras de modo que pudessem ficar acessíveis. Em razão da falta de espaço e funcionário, os professores de língua portuguesa sugeriram o desenvolvimento de um projeto de rodas de leitura, o que será pensado junto com os professores supervisores e proposto no segundo momento do estágio.

Apesar da falta de espaço para uma sala de leitura, a escola dispõe do “kit tecnológico”: TV, antena parabólica, filmadora, máquina fotográfica, aparelho de som, microcomputador, vídeo, *softwares* diversos e retroprojetor. Esse aspecto foi muito importante, pois os estagiários puderam aprofundar o conhecimento do trabalho com as novas tecnologias.

Os novos meios abrem outras possibilidades para a educação, implicam desafios para o trabalho docente, com sua matéria e seus instrumentos, abrangendo o redimensionamento do ensino como um todo: da sua dimensão epistemológica aos procedimentos mais específicos, passando pelos modos de objetivação dos conteúdos, pelas questões metodológicas e pelas propostas de avaliação. (BARRETO, 2004, p.23).

A maior das quatro escolas parceiras, a escola B tem cerca de 2.000 alunos, uma média de 680 por período. Funciona nos três períodos com turmas do ciclo II do Fundamental e Ensino Médio.

Nessa escola existem vários projetos em andamento. Por exemplo, o Projeto Jovem Cidadão, em parceria com empresas privadas, oferece estágios remunerados aos alunos do Ensino Médio e tem como objetivo garantir-lhes experiência profissional e inserção no mercado de trabalho. A carga horária é de quatro a seis horas diárias, durante cinco dias por semana e o período de duração da bolsa-estágio é de seis meses a um ano. Além da bolsa, o aluno recebe vale-transporte e um seguro de vida.

A escola também foi beneficiada com verba do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE)³ e, segundo a direção, ela será destinada à implantação de dois projetos: Protagonismo Juvenil e Projeto de Leitura para os 8º e 9º anos do Fundamental.

O Protagonismo Juvenil é um projeto que envolve os alunos do Ensino Médio do período noturno. A verba será utilizada para a compra de um computador, uma impressora e dois painéis, a fim de que os alunos possam ter acesso à *internet* para pesquisa de temas, sob orientação dos coordenadores do projeto, e compartilhar com os resultados com os demais colegas, disponibilizando esse material em murais.

Embora haja um Projeto de Leitura destinado às 8ª e 9ª séries, ele ainda está sendo iniciado e os estagiários já fizeram contato com os professores responsáveis por esse projeto, a fim de os auxiliar na sua implantação. A verba será aplicada na compra de recursos materiais, como livros, aparelho de televisão e filmes; ou seja, os estagiários se ofereceram para ajudar os professores na pesquisa e seleção de títulos com o objetivo de formar um pequeno acervo de obras literárias e cinematográficas que constituirão o material de apoio ao projeto, já que a escola não conta nem com biblioteca, nem com sala de leitura. Os títulos recebidos pelo PNBE estão ainda encaixotados e guardados em uma sala junto a materiais de construção, portanto inacessíveis tanto aos professores quanto aos alunos.

Além do PDE, a escola B participa do Programa Mais Educação⁴, cuja verba pode contemplar maior número de projetos que o primeiro e ainda prevê auxílio

³ O Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE Escola é um Programa voltado para o aperfeiçoamento da gestão escolar democrática e inclusiva. O Programa busca auxiliar a escola, por meio de uma ferramenta de planejamento estratégico, disponível no SIMEC, a identificar os seus principais desafios e, a partir daí, desenvolver e implementar ações que melhorem os seus resultados, oferecendo apoio técnico e financeiro para isso. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=290&id=12696&option=com_content&view=article>. Acesso em: 29 set. 2012.

⁴ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos, como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica. A iniciativa é coordenada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), em parceria com a Secretaria de

aos alunos monitores. A fanfarra, o laboratório de ciências da natureza, a rádio, o jornal e o acompanhamento pedagógico constituem os projetos da escola fomentados com a verba do Mais Educação.

A escola C já foi “de lata”⁵ e o que mais chamou a atenção dos estagiários foi o problema da violência que ela enfrenta, expresso, sobretudo, nas falas de funcionários e professores entrevistados. Chamou-lhes também a atenção o grau de carência econômico-social, e afetiva, dos alunos, muitos dos quais, segundo informaram os funcionários, só se alimentam na escola; outros, ainda, só mantêm a frequência para não perder o Bolsa-Família. Logo, o índice de repetência por frequência não é desprezível, cerca de dez alunos por turma. Além disso, ressaltou a direção que muitos desses alunos são encaminhados ao Conselho Tutelar, pois estão sem os pais, ou porque foram abandonados, ou porque os pais estão presos, ou ainda porque os pais são usuários de drogas.

Segundo a direção, não se trata de uma única escola, mas de três. São 1.110 alunos divididos em três públicos muito distintos, ainda que seja comum a frequência de vários membros de diferentes gerações de uma mesma família. É comum, por exemplo, que os pais, e avós, dos alunos da manhã, que têm irmãos à tarde, retornem aos bancos escolares, frequentando o EJA à noite.

De acordo com a direção, a estrutura física da escola não comporta a quantidade de alunos. É preciso, portanto, haver dois turnos de intervalos, dividindo os alunos para garantir-lhes acesso ao pátio, à cantina e ao refeitório.

A escola D tem 1.480 alunos, 74 professores e 22 funcionários, sendo que há 1 diretor, 3 vice-diretores, 2 coordenadores e 16 prestadores de serviços. Das

Educação Básica (SEB/MEC) e com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Sua operacionalização é feita por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O programa visa fomentar atividades para melhorar o ambiente escolar, tendo como base estudos desenvolvidos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), utilizando os resultados da Prova Brasil de 2005. Nesses estudos destacou-se o uso do “Índice de Efeito Escola – IEE”, indicador do impacto que a escola pode ter na vida e no aprendizado do estudante, cruzando-se informações socioeconômicas do município no qual a escola está localizada. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=586&id=12372&option=com_content&view=article>. Acesso em 29 set. 2012.

⁵ Escolas públicas instaladas em contêineres metálicos ou construídas em aço galvanizado, com cobertura de telhas de amianto, instalada na rede municipal de ensino de São Paulo (gestão do prefeito Celso Pitta, 1997-2000).

quatro escolas, esta é a única em que existe um *espaço de convivência*, isto é, há um pátio arborizado ao lado do refeitório e da cantina.

Logo que se entra na escola, é difícil não notar a organização e a limpeza do prédio. Os projetos e murais com trabalhos dos alunos estão expostos logo na recepção, bem como a pontuação de cada turma no *ranking* da *Olimpíada* promovida pela equipe escolar. Com a explicação sobre a proposta dessa olimpíada, entende-se como a escola consegue manter a limpeza impecável. A ideia é propor tarefas para os alunos, sendo que as turmas que as cumprem ganham pontos. Por exemplo, as turmas que, ao final da aula, recolhem o lixo e deixam as carteiras organizadas e as mantêm limpas ganham pontos.

Outra forma de pontuar é frequentar a sala de leitura, retirando livros e trazendo comentários por escrito sobre a obra. O professor responsável pela Sala de Leitura lê atentamente todos os comentários e propõe questões orais aos alunos, a fim de verificar a realização efetiva da leitura. Se o professor fica convencido da leitura do livro, atribui os pontos não só ao aluno, mas a toda sua turma. Ao final da olimpíada, que coincide com o final do ano letivo, as três primeiras turmas mais pontuadas ganham um passeio promovido pela escola.

Como foi ressaltado por professores e diretores de todas as quatro escolas, a maior dificuldade dos alunos é com leitura e escrita. E um dos objetivos desta olimpíada foi incentivar os alunos a frequentarem a Sala, conhecerem o acervo, retirarem obras e criarem o hábito de ler. O professor responsável pela Sala alimenta um controle muito minucioso com dados estatísticos sobre os títulos mais retirados, com números e perfis dos alunos que retiram obras. Por essa razão, foi possível constatar, segundo observaram os estagiários, que o número de alunos que passou a frequentar semanalmente a Sala e passou a incorporar a prática de leitura como atividade diária, aumentou muito. É importante ressaltar que as atividades são orientadas tanto pelo professor responsável pela Sala, como pelo professor de Língua Portuguesa, que também indica obras e autores. Uma estratégia desenvolvida pelo professor da Sala para despertar o interesse do aluno foi passar semanalmente em todas as salas de aula e ler apenas um

trecho da obra para que o aluno se interesse em retirá-la e conhecê-la integralmente. Os estagiários o apelidaram carinhosamente de “Prof. Sherazade”.

O *Projeto Circense* foi idealizado e promovido pela professora de Educação Física. Em suas aulas ela desenvolve com os alunos algumas das modalidades presentes nos espetáculos circenses, realizando uma apresentação no final do ano.

Das escolas parceiras, a D é a única em que já existe um grêmio estudantil constituído e atuante. O grupo é composto por doze alunos, ou seja, um representante de cada série. O grêmio constitui a ponte entre a escola e os alunos, auxilia na implantação e execução dos projetos e colabora na minimização de conflitos, valorizando a convivência escolar.

Em parceria com a Unidade Básica de Saúde (UBS), a escola possui o Projeto Saúde e Qualidade de Vida, Ética e Cidadania, que promove, por exemplo, palestras visando à educação sexual dos alunos, já que problemas como gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) são realidades concretas e comumente presentes na vida dos adolescentes.

Existe também uma parceria com uma grande empresa privada, fabricante de móveis, que seleciona alunos do ensino médio e lhes oferece cursos profissionalizantes. Ao término do curso, o melhor aluno é contratado para trabalhar na empresa.

O espaço da escola é exíguo, mas, conhecendo-o, impressiona constatar tantas atividades e projetos sendo executados ao mesmo tempo. Além da sala de leitura, há um laboratório de informática para uso dos alunos, com 18 computadores (funcionando), há uma sala de vídeo, além de uma sala de projeto idealizada para as aulas de Artes. Também foi apenas nesta escola em que foi observada a reserva de 5 computadores exclusivamente para uso dos funcionários, visando também à sua inclusão digital, desenvolvimento de pesquisas, etc.

Nos finais de semana, das 9h às 17h, funciona a Escola da Família, cujo público atendido chega a quase 300 pessoas. Muitos monitores e voluntários oferecem, por exemplo, atividades na brinquedoteca; atividades esportivas, como vôlei, futebol, pingue-pongue; atividades artístico-culturais, como aulas de violão, capoeira, artesanato; e atividades de lazer, como *videogame*, supervisionadas por estagiários. Além disso, professores voluntários oferecem cursos de espanhol e informática. O objetivo principal desse programa é ampliar as possibilidades de atividades e vivências culturais da comunidade a que pertence a escola, criando sólido vínculo entre a escola e seu entorno, bem como um aprofundamento do vínculo entre os alunos, seus familiares e a escola. Esse programa conta com universitários e profissionais da educação que atuam como voluntários.

A observação das escolas: um convite a algumas reflexões

Este breve relato sobre o início do Estágio Supervisionado da Licenciatura em Letras da UNIFESP, campus Guarulhos, pode parecer muito pretensioso, e portanto contraditório, quando levados em conta os objetivos e a incipiência dos trabalhos até então realizados. Todavia, essa pretensa “radiografia” das escolas parceiras, fruto dos diversos *olhares* dos estagiários do 7º termo da Licenciatura em Língua Portuguesa da UNIFESP, dos membros da Comissão de Licenciatura do curso de Letras, dos professores supervisores do estágio em Língua Portuguesa e suas Literaturas e, inevitavelmente, dos autores deste relato, desperta-nos já algumas ponderações, cuja única pretensão aqui é a de compartilhar alguns frutos desses *múltiplos olhares*.

O problema da deficiência e inadequação da estrutura física das escolas públicas brasileiras é lugar-comum da maioria dos discursos em que o ensino público é o tema e parece nem mesmo haver a experiência empírica de seus autores como condição *sine qua non* para dissertar sobre o tema; inclusive, deve causar certa estranheza ao leitor, neste momento, esta relevância dada pelo

presente texto. A razão para isso é pontuar, na verdade, um outro lugar-comum, isto é, o de que as práticas acadêmicas de pesquisa continuam a revelar, ainda e apesar de tantas publicações problematizando a respeito, um *olhar homogeneizador* sobre as escolas públicas brasileiras a partir de seus problemas e carências.

A realidade que encontramos nas quatro escolas aqui descritas “gritam” uma revisão do *olhar da universidade* em relação à escola pública de educação básica. Vários outros aspectos poderiam ser trazidos para a discussão, porém, o mais expressivo consiste no contraste entre a escola C e D, anteriormente descritas. Como já mencionado, a escola C oferece Fundamental I e EJA; a escola D, Fundamental II e Ensino Médio. Os alunos saem da escola C e ingressam na escola D, localizadas na comunidade, na mesma rua e divididas por um mesmo muro, porém a violência mencionada por todos os integrantes da comunidade escolar (diretores, coordenadores, professores e funcionários) como um dos maiores entraves enfrentados pela escola C sequer foi citada com relação à D. O *bullying*, que foi bastante referido por professores, coordenadores e diretores de todas as escolas, não foi também questão relevante na escola D. O problema do estilhaçamento das relações pessoais entre direção, corpo docente e funcionários que foi problema central em uma das escolas, com desdobramentos, inevitáveis, na comunidade escolar, interna e externa, agravando os obstáculos já existentes, havia sido realidade na escola D, mas também deixou de existir no seu cotidiano.

A identificação desses problemas comuns às escolas A, B e C não nos ajudam, no entanto, a avançar muito na discussão. Em vista disso, perguntamo-nos o que diferenciaria a D das demais, se ela está inserida no mesmo contexto e enfrenta os mesmos desafios cotidianos das outras escolas?

Em entrevista com a diretora da escola D, ela contou que a sua primeira ação quando assumiu a função foi resgatar as relações pessoais entre funcionários, professores, alunos e direção, pois as relações estavam profundamente deterioradas, havendo um grande mal-estar entre todos, o que constituía um dos

grandes obstáculos para o desenvolvimento do trabalho, visto que não havia a mínima interação e colaboração. Hoje, o contexto é completamente outro, pois todos os entrevistados ressaltaram que gostam de trabalhar na escola e que reconhecem ser lá um ambiente diferenciado.

Outra ação foi construir um muro isolando a quadra de esportes da rua, uma vez que o acesso livre à quadra impossibilitava o uso pelos alunos porque havia sido tomada por usuários de drogas. Hoje, o uso é restrito à comunidade interna da escola, salvo aos finais de semana quando acontecem as atividades do programa Escola da Família.

A diretora comenta que a escola tem uma construção antiga e, portanto, há muitos problemas de ordem estrutural a serem resolvidos, ou melhorados, em seu espaço físico, por exemplo, a questão da acessibilidade. O prédio possui muitas escadas estreitas, impossibilitando a locomoção de cadeirantes, por exemplo, mas não há espaço físico para se melhorar a acessibilidade; seria necessária uma grande reforma no projeto original, o que demandaria grande investimento.

Junto ao trabalho de resgate e fortalecimento das boas relações pessoais, a direção concentrou esforços na implantação de uma Sala de Leitura, de projetos para formação de leitores, desenvolvidos pelos professores de Língua Portuguesa, com a participação ativa do professor responsável pela Sala.

De acordo com as propostas presentes nos PCNS para o Ensino de Língua Portuguesa:

A educação escolar é uma prática libertadora que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas. Estas condições são fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente. (PCNs, v.1, 1997)

Aventamos, desse modo, a hipótese, anunciada no início deste relato, de o fato de a escola ter saído da condição de prioritária, na gestão da atual direção, apesar do contexto comum às outras escolas, deve-se, sobretudo, à combinação

dessas duas principais ações: resgate das relações interpessoais e investimento na sala de leitura, em acervo, com um trabalho focado na *leitura*, - o que, sem dúvida, vem desenvolvendo e transformando *os olhares* de todos os integrantes dessa comunidade escolar, em um efeito em cadeia imensurável: enquanto a taxa de evasão escolar ultrapassa os 10% nas outras escolas, nesta é de apenas 4%.

Considerações finais

O objetivo pretendido neste relato foi compartilhar, a partir da experiência *in loco*, isto é, nas escolas aqui descritas, alguns dados e reflexões que vêm, mais uma vez, insistir na importância de se considerar a escola, cada vez mais, em suas especificidades, a fim de que as suas singularidades sejam iluminadas e possam sinalizar novos e outros caminhos para a reflexão teórica e as ações práticas.

Referências Bibliográficas

BARRETO, R. G. Globalização, mídia e escola: luzes no labirinto audiovisual. **Revista Científica de Comunicación y Educación**. Disponível em <http://www.revista.comunicar.com/verpdf.php/?numero=22&articulo>. Acesso em: 30 de jan. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1997^a, v.1. Edição, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

UNIFESP. **Normas e orientações gerais para o estágio Supervisionado da Licenciatura em Letras**. 2012. Disponível:

http://www.humanas.unifesp.br/home/images/cursos/letras_manual_estágio. Acesso em: 30 de jan. 2013.